

CONVERSA COMIGO

RICARDO
RAMOS
FILHO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

REVISÃO: Daniel Zanella

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R175c RAMOS FILHO, Ricardo. 1954–
Conversa comigo / Ricardo Ramos Filho – Penalux:
Guaratinguetá, 2019.
180 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-477-8
1. Crônicas I. Título

CDD B869.8

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Conversa comigo

- Conversa comigo, diz alguma coisa.
- O que você quer que eu diga?
- Sei lá, conte um fato ou história, não me deixe sozinha.
- Mas eu estou aqui do seu lado dirigindo.
- Eu sei, o carro não anda sozinho, mas você está mudo, pensando lá nas suas coisas.
- Sei, então eu tenho que falar o tempo todo...
- De preferência.
- Mesmo quando eu não tenho assunto...
- Somos um casal, casal conversa.
- A sua presença é suficiente para mim.
- Sempre irônico, né?
- Adoro a luminosidade do mês de junho, friozinho gostoso e dias bonitos.
- Sério?
- O quê?
- Vai falar do tempo?
- Você não gosta?

— Mas não sou inglesa, eles é que adoram comentar sobre o *wheather all the time*. Vamos, fale alguma coisa!

— Assim eu fico nervoso, dá um branco, não consigo pensar em nada.

— Duvido!

— É sério, fico querendo descobrir assunto do seu interesse e não vem.

— Não acredito. Você fica aí todo concentrado, calado, a testa franzida, é claro que a cabeça está cheia de ideias.

— Só pensamento ruim, nada que se aproveite.

— Divide comigo.

— Por que você deseja que eu fique lhe trazendo problemas?

— Não quero seguir sozinha.

— Já disse, estou aqui do seu lado, companheiro. A gente podia seguir junto apenas curtindo um a presença do outro.

— Companheiro conversa com a companheira. O silêncio entre nós me incomoda.

— Mas não há silêncio entre nós. Apenas fiquei um pouco absorto em meus fantasmas.

— Viu como está com a cabeça cheia?

— Sim, mas é coisa minha, nada relevante.

— Como você sabe se eu não acho importante? Podia ao menos me dar a chance de decidir...

— Ando preocupado com o Santos.

— Sei...

— O time vem jogando mal, mesmo quando ganha não apresenta bom futebol, você sabe da minha paixão pelo time praiano.

— Sei...

— Você não diz nada?

— Estou ouvindo.

— A derrota para o Sport, na Vila, foi de matar. Cheguei a sonhar, tipo pesadelo, acordei pensando nisso. Não me sai da cabeça. A gente não podia ter perdido aquele jogo.

— *Quando eu piso em folhas secas, caídas de uma mangueira...*

— Posso diminuir o volume do rádio?

— Claro!

— Pois é, assim vamos despencar no Brasileirão. Vejo o Lucas Lima jogando e não entendo o que está acontecendo.

— Ahã...

— O Pelé jogou tanto tempo no Santos... Agora tudo é dinheiro, devem estar fazendo corpo mole. Querem jogar no Barcelona, todo mundo quer jogar no Barcelona.

— Olha que lindo aquele flamboyant! Essa época do ano é mesmo especial, que exuberância de cores, ma-ra-vi-lho-so!

— Então eu fico pensando no destino que me fez brasileiro e torcedor de um time que não tem dinheiro, e fico triste, como...

— Chegamos, você me pega mais tarde?

— Pegou.

— Tchau, te amo!

Macaco-prego

Às vezes saio por aí dirigindo, mãos no volante e a cabeça nas nuvens. O aparelho tocando “Evidências” e eu me dando conta de que, embora batalhe para ter um paladar estético um pouco mais evoluído, sou capaz de gostar com alguma liberdade de coisas não tão recomendáveis e certamente de gosto duvidoso. Desde que esteja sozinho, solidão de motorista, ninguém por perto, os vidros fechados, consigo aumentar o volume. Então posso cantar junto e pedir, sem a menor vergonha, que a moça diga que tem saudade e ainda pensa muito em mim. Sentindo emocionado a letra idiota, cafona, estúpida. Mesmo quando me lembro de que tenho uma sobrinha que diz amar aquele som, e apesar de ter por ela enorme carinho e respeito, afinal, suas opiniões são colocadas geralmente com ponderação e equilíbrio, a menina é inteligente, gosta de ler, não sai do cinema, meio que deploro internamente o prazer que Chitãozinho e Xororó me proporcionam. Amar não é verbo intransitivo quando se trata de música. Dependendo daquela que escutamos, podemos revelar ouvidos moucos, poucos.

O trânsito está camarada. Aliás, as ruas arborizadas do bairro elegante por onde estou passando exibem estranho silêncio. Sinto-me como se estivesse em um filme, mergulhado na tensão que o roteirista criou para indicar algum perigo iminente. Embora seja dia de semana, horário normal de trabalho, as calçadas estão desertas. E a quase ausência de automóveis nas avenidas transmite uma impressão de profundidade inusitada. O piso se alarga e corre em direção ao nada, deixando faixa reta e escura na paisagem. Se estivesse sentado no cinema imaginaria uma peste, a população dizimada. *Walking dead*. Os caminhoneiros em greve talvez não tivessem ideia de sua força quando começaram o movimento. Normal. A gente não consegue mesmo mais medir o impacto de muitas ações no país. O bonde segue solto nos trilhos, desgovernado, literalmente desgovernado. Mas estou nos Jardins e me sinto seguro. Certamente não existem perigos no Jardim Paulista, seria idiotice acreditar nisso. Posso seguir em frente cantando escondido.

No rádio, nova faixa, Elba Ramalho me informa que dá psiu a todo mundo procurando por seu bem. E eu repito o estribilho. O sotaque nordestino tem a capacidade de despertar em mim memórias atávicas. Felizinhas, sabe-se lá a razão. Psiu, psiu, psiu. No farol, como não existe ninguém me emparelhando, solto a voz, quase grito. Ali parado vejo um sabiá passar voando, pousar um pouco mais adiante em um galho de ipê. Laranjeira. Rosa. Psiu, psiu, psiu.

Tento distinguir um rapaz vindo pelo passeio. De longe vejo que puxa uma criança pelas mãos. Ela vem meio bambá, procurando equilibrar-se, deve ter por volta de dois anos.

A distância ainda não me permite ver todos os detalhes do par que se aproxima. Aos poucos vou percebendo coisas. Ele fala, celular encostado no ouvido, não dá muita atenção à sua pequena companhia que praticamente vai arrastada. Moreno, bem vestido, ali naquele lugar todos se vestem bem. O menino, já há então razoável certeza quanto ao sexo do guri, em determinado momento joga a pernas para frente e fica alguns passos do adulto pendurado. Diverte-se infantilmente. Braços longos, compridíssimos... E como o farol custa a abrir, a dupla vai ficando cada vez mais próxima. Passam por mim do lado oposto ao que estou. Para que me dê conta de o quanto nossa observação pode ser distraída. O menino não é humano, trata-se de um símio. Macaco-prego, pesquisei depois. Abro o vidro para ver melhor, ponho a cabeça para fora. Psiu, psiu, psiu. E o bicho retribui a curiosidade. Peludo, negro, dirige-me um olhar indistinguível. Olhos que me permitem pensar qualquer coisa. Morro de pena! Por mais que seja um macaco do Jardim Paulista, não consigo vê-lo bem-posto ali. Traduzo do italiano, sem querer, o prego: por favor. E é como se ele me pedisse socorro. Vejo-os agora pelo retrovisor. O homem e o macaco. Prego. Por favor. Seguem dominado e dominante. Como é tão comum no Jardim Paulista.

O farol finalmente permite o fluxo. Quando Roberto Carlos canta que não adianta nem tentar me esquecer, eu fecho o vidro imediatamente. E sigo meu caminho pelas ruas vazias que os caminhões inventaram. Muito triste e magoado. A imagem do macaco-prego me comovendo. Detalhes tão pequenos...

São Paulo

Nós dois envelhecemos mal, São Paulo. Você acostumou-se a me chantagear e eu deixei. Fui ficando em troca do oferecido. Trabalho, família, amigos, sabe o quanto dependo deles. Mas estou cansado. Detesto andar por suas ruas com medo, gastar-me no trânsito, ter o ar me arranhando a garganta. Se eu pudesse, soubesse ser livre, estaria longe. As pessoas não mais são amáveis, perderam o humor, também se gastaram. Do que me adiantam pratos refinados, música de qualidade, comércio, cinema, a sofisticação de algumas avenidas? Nada disso vale se envelhecemos tão mal. Eu, triste, você, violenta.

Quando saio pelas ruas, me encanto com as cores. Você sabe disso e eu vivo dizendo, São Paulo, vejo beleza por todo canto, sou dos que se referem ao seu charme, sua linda. Na primavera, os ipês me comovem. A explosão de amarelo, roxo e branco, os tapetes que são tecidos nas calçadas quase me permitem acreditar que vivo em um lugar especial. Quase.

Outro dia um amigo e a mulher dele foram assaltados. Sequestro, ficaram um tempo em cativo. Coisa rápida, relâmpago. Guardados em uma favela, quartinho escuro,



Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2019.

